



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



Pegadas de Vida na Amazônia: um documentário como instrumento de educação ambiental¹

Taíssa Maria Tavares GUERREIRO²

Carlos Jorge Barros MONTEIRO³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

A partir da década de 1970, a conservação do meio ambiente foi debatida em diversos eventos mundiais após uma série de tragédias ambientais. Entretanto, a permanência da destruição forçou a humanidade a criar iniciativas para amenizar os danos causados por sua própria ação. O documentário *Pegadas de Vida na Amazônia*, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na UFAM Parintins, aborda a história e os resultados educativos de uma dessas iniciativas: o Projeto Pé-de-Pincha. Motivado pelas dificuldades que o projeto ainda enfrenta, o filme objetiva auxiliar na educação ambiental difundida no município de Terra Santa, Estado do Pará. Os resultados da pesquisa qualitativa atrelada aos métodos de produção de documentário, permitiram perceber como produtos audiovisuais podem ser instrumentos eficazes para a educação ambiental.

Palavras-chave: Amazônia; educação ambiental; quelônios; documentário; pé-de-pincha.

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil colonial, a busca pelo êxito econômico através da exploração de recursos naturais sempre foi a principal causa de destruição ambiental que culminou em séculos de devastação e mortes. Segundo Pereira (2012), a maneira errônea como o homem modifica a natureza leva ao cenário caótico, isso porque a princípio o contato com os recursos naturais ocorre apenas para atender suas necessidades básicas de sobrevivência. Entretanto, a partir do momento em que este visa o lucro, cria-se o surgimento de uma crise ambiental. E embora essa realidade pareça distante, nos dias

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – Visualidades Amazônicas do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC-UNESP. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo ICSEZ-UFAM, email: taissa.guerreiro@unesp.br

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do ICSEZ-UFAM, email: cbmonteiro@ufam.edu.br



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



atuais esse cenário exploratório lucrativo ainda é bastante presente, principalmente na Amazônia.

No final do século XX, sobretudo a partir da década de 1970, a preocupação com o desgaste ambiental foi pauta de vários debates mundiais que uniram milhares de pessoas em prol da conservação do meio ambiente. No entanto, a permanência de velhos hábitos de destruição como queimadas, contrabando de animais silvestres, dentre outras formas de depredação, forçaram a criação de iniciativas para tentar reverter os impactos ambientais causados pela própria ação humana.

Uma dessas iniciativas é o programa de manejo comunitário de quelônios, que foi criado em 1999 na comunidade do Piraruacá, zona rural do município de Terra Santa, Estado do Pará – distante cerca de 890 km da capital Belém –, após anos de pesca predatória. Mais conhecido como “Projeto Pé-de-Pincha”, esse programa é fruto da união de ribeirinhos, professores, alunos e instituições ambientais, que há 22 anos buscam proteger do risco de extinção três espécies de quelônios de água doce: o pitiú, o tracajá e a tartaruga da Amazônia. Esses animais de casco são conhecidos como “pés-de-pincha”, devido suas pegadas na areia serem semelhantes ao formato das marcas de tampinhas de refrigerante, conhecidas na região como “pinchas”.

Apesar de seu sucesso na expansão do número de quelônios nos lagos há mais de duas décadas, o projeto ainda enfrenta desafios como a escassez de recursos para sua realização anual e a caça predatória, grande vilã da natureza. Outro ponto importante a se considerar é que, até então, os documentários produzidos sobre este projeto possuíam uma estrutura institucional, focada principalmente em repassar tecnicamente as etapas deste.

À vista disso, o documentário *Pegadas de Vida na Amazônia*, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da jornalista Taíssa Guerreiro na UFAM Parintins, objetiva contar a história, as dificuldades e os resultados educativos do projeto pé-de-pincha em seu local de origem – a Fazenda Aliança da comunidade do Piraruacá, em Terra Santa – por meio do relato marcante de personagens, que são fontes partícipes do projeto, pois acreditamos que dessa forma é possível criar laços com a comunidade e promover sensibilização ambiental, a fim de expandir a mão de obra do projeto.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Optamos pela produção de um documentário devido às características deste gênero propiciarem um entendimento completo para a narração de histórias reais. Assim, melhor que apenas ouvir ou ler sobre o manejo de quelônios, é poder visualizar. Nesse sentido, este trabalho caracteriza-se como relevante por se tratar de uma produção acadêmica que aborda a história e os desafios de um projeto que luta pela causa ambiental, sendo narrado por personagens engajados em ações que visam a conservação de ecossistemas ameaçados.

O título “Pegadas de Vida na Amazônia” é uma metáfora geral sobre o trabalho realizado pelo projeto, pois as pegadas de quelônios nas praias revelam as vidas que o Pé-de-pincha ajuda a conservar na natureza. O subtítulo “Projeto Pé-de-Pincha em Terra Santa – Pará” delimita o conteúdo do documentário ao seu universo fílmico específico, a cidade de Terra Santa, localizada no extremo Oeste do Estado do Pará, próximo à divisa com o Estado do Amazonas.

O Projeto Pé-de-pincha

O Projeto Pé-de-Pincha consiste em um Programa de Extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)⁴, que há 22 anos trabalha o Manejo Comunitário de Quelônios em cidades e comunidades amazônicas. Tendo o tracajá (*Podocnemis unifilis*) como espécie bandeira do projeto, o Pé-de-Pincha contribui desde 1999 para a conservação de várias espécies de bichos de casco que habitam os rios de água doce, além de auxiliar na preservação de ecossistemas existentes nessa região.

Essa iniciativa se baseou desde o início nas técnicas do manejo de quelônios descritas pelo Centro Nacional de Quelônios da Amazônia (CENAQUA)⁵, também utilizadas pelo Projeto TAMAR⁶. Resultado da união de ribeirinhos, professores, alunos

⁴ Fundada em 1909, a sede da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus – Amazonas, era o campus universitário mais próximo e desenvolvido da região interiorana dos estados do Pará e Amazonas até o início do século XXI, uma vez que ainda não havia a expansão dos demais campi na região. A expansão da UFAM no interior Amazonense só ocorreu de forma intensiva em função do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tinha o objetivo de ampliar o acesso à educação superior buscando dobrar o número de alunos graduandos a partir de 2008. O campus da UFAM Parintins, por exemplo, passou a funcionar a partir de 2007.

⁵ A partir de 2007, foi denominado Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN).

⁶ O TAMAR é um projeto voltado para a conservação de tartarugas marinhas brasileiras. Fundado em 1979, o projeto trabalha na pesquisa, cuidado e manejo de cinco espécies de tartarugas marinhas que habitam os oceanos e que são



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



e ambientalistas, o Pé-de-Pincha é hoje referência no manejo de animais de casco amazônicos, abrangendo sua atuação em 118 comunidades da região, o equivalente a 2,7% da Amazônia Brasileira (ANDRADE, 2012).

Sua origem está atrelada aos reflexos da exploração de recursos naturais amazônicos, ação intensificada na década de 1970. Nesse período, a antiga mesorregião do Baixo Amazonas⁷ viu ecoar em seu território esses estragos ambientais e o município de Terra Santa enfrentou arduamente a exploração da fauna e flora, sobretudo nas comunidades ribeirinhas, as quais tinham os recursos naturais como base para sua sobrevivência.

Segundo Andrade (2012) a região onde localiza-se o município de Terra Santa possui extensas áreas de várzea com águas claras e escuras, devido a influência do Rio Amazonas. Além disso, predomina em sua paisagem a existência de lagos largos e rasos, onde encontramos praias de areia branca de fina granulometria, locais propícios para a desova de tracajás (*Podocnemis unifilis*), pitiús ou iaçás (*Podocnemis sextuberculata*), irapucas (*Podocnemis erythrocephala*) e tartarugas amazônicas (*Podocnemis expansa*). Dentre muitos lagos, encontra-se nessa região o Lago do Piraruacá, nome de origem indígena no qual *Pira*=Peixe, *uru*=vermelho e *acá*=casa, ou seja, lugar ou morada do peixe vermelho, o pirarucu⁸. Esse lago é o habitat natural de grandes peixes de água doce como o tucunaré (*Cichla ocellaris* e *C. temensis*) e o mapará (*Hypophthalmus edentatus* e *H. marginatus*), servindo como fonte de abastecimento para outros lagos.

Na década de 1970, muitas famílias da zona rural habitavam nas proximidades do lago do Piraruacá e sobreviviam da produção de frutas, hortaliças e farinha. Contudo, no início da década de 1980, grandes barcos de pesca adentraram no lago e começaram a

ameaçadas de extinção: a tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*), tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*), tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*) e tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriácea*)

⁷ O Baixo Amazonas foi uma das mesorregiões da Região Norte, especificamente do Estado do Pará, que constituíram a antiga divisão geográfica regional do Brasil, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1989 a 2017. Essas divisões, consistiam no agrupamento de municípios que possuíam vínculos e articulações. No atual quadro da divisão regional do país, grande parte dos municípios que formavam a mesorregião do Baixo Amazonas, compõem agora a Região Geográfica Intermediária de Santarém: Alenquer, Belterra, Mojuí dos Campos, Monte Alegre, Prainha, Santarém, Aveiro, Itaituba, Jacareacanga, Novo Progresso, Placas, Rurópolis, Trairão, Curuá, Faro, Juruti, Óbidos, Oriximiná e Terra Santa.

⁸ O pirarucu (*Arapaima gigas*) é um peixe encontrado geralmente na Bacia Amazônica, mais especificamente, nas águas calmas de sua várzea. Conhecido como o “bacalhau da Amazônia”, costuma habitar em águas de lagos e rios, claras, brancas e escuras, levemente alcalinas, com temperatura que variam de 24° a 37°C, ricas em vegetação, ou seja, com baixo teor de oxigênio.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



arrastar suas redes levando todos os peixes e quelônios que conseguiram. Em pouco tempo, o lago começou a carecer das espécies, sobretudo de quelônios. Vendo a situação, moradores da Fazenda Aliança liderados pelo senhor Manuelino Bentes, mais conhecido como Mocinho Lobo, e o senhor Raimundo Machado, decidiram lutar pela conservação do lago. Para isso, buscaram o apoio técnico da UFAM através do professor Paulo César Machado, que já realizava projetos voltados para a observação de criadores de quelônios na região, com o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA-AM).

Depois de conversar com os comunitários da área, o professor Paulo César Machado decidiu abraçar a causa e propor a criação de um projeto que fosse responsável pela recuperação dos quelônios. A proposta logo foi aprovada pelo poder legislativo e executivo do município e também pela UFAM e pelo IBAMA-AM. Surgia, então, o “Manejo Sustentável de Tracajás por Comunidades do Baixo Amazonas”, composto por comunitários, professores e agentes ambientais voluntários de Terra Santa.

Após meses de preparação, com equipes sendo treinadas pelo IBAMA-AM e pela UFAM, os trabalhos iniciaram em setembro de 1999 com sete comunidades de Terra Santa. E assim nasceu o projeto Pé-de-Pincha, que, posteriormente, recebeu este nome fazendo referência às marcas das pegadas que os quelônios deixam na areia, as quais são semelhantes às marcas deixadas por tampinhas de garrafa, que, na região, são chamadas de "pinchas" (ANDRADE, 2012).

Para que seja realizado o manejo, o projeto Pé-de-pincha funciona em três etapas anuais que requerem um trabalho árduo dos voluntários: i) Coleta e transferência de ovos; ii) eclosão; iii) soltura dos filhotes. A primeira etapa ocorre entre os meses de setembro a outubro, quando o coordenador do projeto, junto de alunos voluntários da UFAM, comunitários e agentes ambientais, realizam a coleta de ovos nas praias de desova onde os tracajás, pitiús e tartarugas desovam. Os ovos coletados são transferidos para as áreas protegidas ou “chocadeiras” como também são chamadas, ou seja, locais seguros que possuem areia e que são cercados com madeira e telas de proteção. Essa transferência ocorre prioritariamente para situações de ameaça aos ovos, de modo que as ninhadas consideradas seguras, permanecem em seus locais de origem. Posteriormente, a equipe escreve em pequenos pedaços de madeira, denominados “piquetes”, a praia a qual



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



pertencem os ovos, a espécie que desovou e a data estipulada para o nascimento dos quelônios, que podem variar de 45 a 60 dias.

Na segunda etapa, os animais saem dos ovos e sobem até a camada superficial da cova, onde absorvem todo o material nutritivo. Depois de retirados da cova, os quelônios recém-nascidos são colocados em grandes tanques com água, denominados “berçários”, onde ficarão por 60 dias recebendo alimentação natural encontrada nos lagos, além de ração peletizada com 42% de proteína bruta. Andrade *et al* (2012) afirma que esse período nos tanques é importante para que os filhotes cresçam, fortaleçam seus cascos e desenvolvam instintos de defesa.

A última etapa ocorre sempre no início de cada ano, quando todos os participantes do projeto se reúnem e convidam as comunidades urbanas e rurais do município para a “Festa da Soltura”. De acordo com Andrade *et al* (2012, p. 145) “esta é uma ocasião onde a comunidade tem a oportunidade de mostrar para a população do município o fruto de seu trabalho”. No encerramento da festa ocorre a soltura dos filhotes, onde os quelônios são retirados dos tanques e soltos na praia, como forma de trabalhar a conscientização ambiental com as pessoas que se deslocam até a comunidade para prestigiar o evento. Entretanto, a maioria dos filhotes é solta nos lagos de alimentação, ou seja, lugares que possuem abrigos naturais como plantas aquáticas flutuantes, capins flutuantes e também a presença de animais de casco adultos, onde as chances de sobrevivência são maiores (ANDRADE *et al*, 2012).

Apesar de o projeto Pé-de-pincha estar atuando na Amazônia há mais de duas décadas, uma das dificuldades continua sendo a caça predatória realizada na região. Segundo informações obtidas por meio de diálogo com os participantes do projeto em Terra Santa, muitos pescadores ainda insistem em praticar a pesca exacerbada de peixes, na qual também são capturadas espécies de quelônios para serem vendidas clandestinamente com preços elevados. Além disso, a retirada de ovos nas praias para o consumo pessoal e venda também impede que a população de quelônios seja mantida de forma numerosa naturalmente.

Com duas décadas de atuação do projeto, o lago do Piraruacá não é mais alvo intensivo de pescadores, devido ter se tornado área protegida pela Portaria Conjunta nº 001/2000 do IBAMA do Pará e do Amazonas, documento que proíbe a pesca comercial



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



no lago. Entretanto outras praias de desova que não são protegidas na região do município de Terra Santa, ainda sofrem intensamente com a depredação.

Assim como todos os projetos ambientais desenvolvidos, para conscientizar a população amazônica acerca dos impactos que a exploração dos recursos naturais acarreta ao meio ambiente, o projeto Pé-de-Pincha utiliza a educação ambiental como estratégia. De acordo com Lima *et al*:

A Educação Ambiental – EA é uma das ferramentas existentes para a sensibilização e capacitação dos indivíduos sobre a situação ambiental vigente. Através dela, busca-se desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de decisão sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de buscar alternativas para minimizar ou mesmo solucionar tais problemas ambientais. (LIMA *et al*, 2012, p.189)

Nesse sentido, as ações são voltadas para a integração da sociedade com os conhecimentos repassados em todas as etapas do projeto, além de fazer com que os comunitários compreendam que a sobrevivência dos ecossistemas depende da intervenção humana, uma vez que é necessário dar tempo para que a natureza possa se regenerar.

Dessa forma, como atividades educativas desenvolvidas, o projeto busca inserir no currículo escolar dos estudantes temas como conservação e sustentabilidade no meio ambiente, sobretudo nas escolas de séries iniciais. Assim, estimula-se a realização de palestras, produção de desenhos, criação de poesias, paródias, além da exibição de produtos audiovisuais, entre outros.

O documentário *Pegadas de Vida na Amazônia*

Pegadas de Vida na Amazônia é um documentário, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da jornalista Taíssa Guerreiro na UFAM Parintins, que aborda a história e os desafios do projeto Pé-de-pincha no município de Terra Santa. O filme possui a duração de 30 minutos, sendo composto por doze depoimentos de fontes partícipes do projeto e narração em *voz over*, além de quatro trilhas musicais inéditas, produzidas exclusivamente pelo músico terra-santense Antônio Beneventes Guerreiro.



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



O documentário possui uma estética voltada para a regionalidade Amazônica, destacando um estilo natural/orgânico desde as ilustrações feitas para explicar os depoimentos, até os arranjos instrumentais, que lembram o ritmo característico do Estado do Pará: o carimbó. Isso faz com que o espectador adentre no universo amazônico vendo e ouvindo elementos da região.

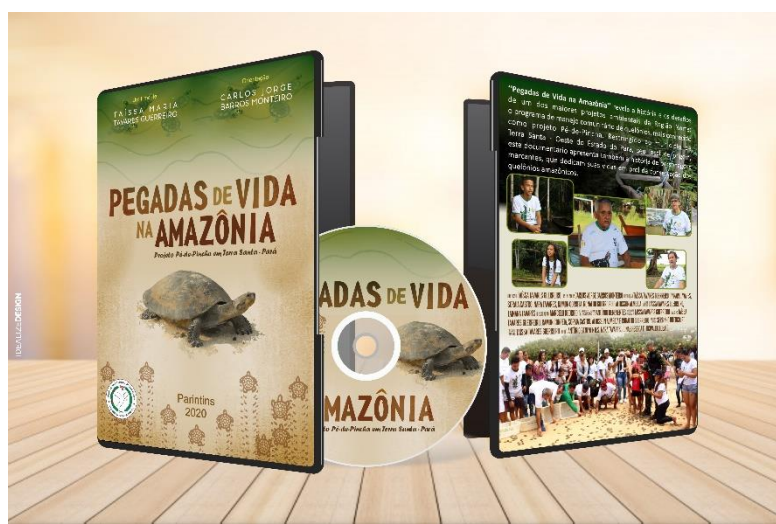


Figura 01 – Arte do documentário

Fonte: autoria própria

O filme é dividido em quatro blocos temáticos intitulados: I – O Projeto Pé-de-Pincha; II – A História do Projeto Pé-de-Pincha; III – As Dificuldades Enfrentadas; IV – A Educação Ambiental Difundida. Esses tópicos foram escolhidos devido sua vasta riqueza de relatos, tendo em vista que os documentários e reportagens já existentes sobre o projeto centravam-se, na maioria das vezes, em explicar detalhadamente o passo a passo de cada etapa, funcionando como uma espécie de manual que auxilia nos conhecimentos técnicos do manejo. Entretanto, esse estilo de documentário não se preocupa em destacar as histórias vividas pelos personagens que o compõem. Em contrapartida, esta nova produção dá foco para a característica conceitual de um documentário: contar histórias.

No primeiro bloco temático, destacam-se os relatos sobre todas as etapas do projeto, numa espécie de apresentação do manejo e suas atividades, as quais envolvem ribeirinhos, professores, técnicos e acadêmicos da UFAM. Já no segundo bloco, podemos



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



compreender como se deu a criação do projeto Pé-de-pincha, por meio do relato de personagens pioneiros do manejo. O terceiro bloco temático traz depoimentos sobre as experiências de risco vividas pelos agentes ambientais voluntários, um dos momentos mais emocionantes da obra. O último bloco temático aborda os resultados alcançados pelas ações de educação ambiental no município de Terra Santa, apresentando a história de dois adolescentes que cresceram realizando o manejo, e que são netos de dois personagens pioneiros do projeto.

No que se refere ao estilo do documentário, podemos caracteriza-lo no hibridismo dos modos observativo e participativo, apontados por Nichols (2005), pois deixamos que as fontes conduzissem suas próprias histórias, entretanto, estimulando-as para que seguissem uma linha narrativa pré-determinada.

As gravações do documentário iniciaram no dia 28 de fevereiro na comunidade do Piraruacá, zona rural do município de Terra Santa, e ocorreram também nos dias 29 de fevereiro, 1º, 14 e 15 de março de 2020. Dias depois das gravações serem finalizadas e a equipe retornar para Parintins, o Amazonas registrou o primeiro caso de Covid-19 em seu território, fazendo com que a UFAM paralisasse suas atividades por cerca de três meses. Assim, o processo de pós-produção foi afetado por consequências do isolamento social. Longe da Universidade, a edição foi acompanhada pelo orientador do trabalho através de videochamadas nos horários em que os provedores de internet permitiam boa conexão. Um cenário atípico que colocou em cena inúmeros desafios, potencializados pela conectividade precária da região interiorana amazônica.

Após o adiamento do semestre na UFAM e todas as dificuldades enfrentadas, o documentário foi defendido por meio de videoconferência no dia 22 de dezembro de 2020. Contando com um público de aproximadamente 45 pessoas, o trabalho foi aprovado com nota máxima pelos membros da banca.

Em 2021, *Pegadas de Vida na Amazônia* foi submetido para participar do Expocom (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação) – um prêmio destinado aos melhores trabalhos experimentais desenvolvidos por acadêmicos da área da comunicação –, que faz parte da programação do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). O documentário representou a UFAM Parintins na etapa



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



regional, sendo premiado na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA02 – Melhor Filme de Não-ficção/documentário/docudrama da Região Norte.

A recepção do filme

Na ocasião de defesa do TCC, o documentário *Pegadas de Vida na Amazônia* foi bem recebido pela comunidade terra-santense e também pela comunidade acadêmica da UFAM, sobretudo pela equipe que compõe o projeto Pé-de-pincha. Entretanto, por consequências das medidas de restrição para conter o avanço da Covid-19 na região, o documentário só pôde ser entregue ao coordenador do projeto, professor Paulo César Machado, em outubro de 2021.

Ao visitar a comunidade do Piraruacá para acompanhar a etapa da coleta de ovos na Fazenda Aliança – berço do projeto –, a jornalista Taíssa Guerreiro se reuniu com a equipe do Pé-de-pincha e realizou oficialmente a entrega do documentário, o qual passará a integrar o acervo do projeto.

Em entrevista para o site da UFAM, o coordenador Paulo César Machado ressaltou a importância do produto audiovisual e o sentimento de alegria por saber que foi dirigido por uma terra-santense, também pertencente à UFAM, a instituição que abraçou a causa:

Fiquei muito feliz que uma acadêmica de Jornalismo da Ufam tivesse interesse em contar um pouco da história dos ribeirinhos que lutam pela conservação de quelônios em um documentário. Mais feliz ainda, por saber que a Taíssa é natural de Terra Santa, onde nasceu o Projeto Pé-de-Pincha [...] O documentário da Taíssa envolveu mais diretamente as histórias de vida de alguns principais personagens que ajudaram e ajudam nas ações desenvolvidas no local onde nasceu o projeto, em Terra Santa. Narrativa muito emocionante. (Paulo César Machado, coordenador geral do projeto Pé-de-pincha, em entrevista para o site da UFAM)

Além disso, o professor Paulo César Machado sinalizou que o documentário servirá como importante ferramenta para as atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo Pé-de-pincha em Terra Santa e demais cidades amazônicas.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Figura 02 – Taíssa Guerreiro junto à equipe do projeto Pé-de-pincha na Fazenda Aliança, comunidade do Piraruacá
Foto: Otávio Lino.



Figura 03 – Taíssa Guerreiro entregando o documentário ao coordenador do projeto Pé-de-pincha, professor Paulo César Machado.
Foto: Otávio Lino.

No ato da entrega do filme, a prefeitura municipal de Terra Santa, por meio da secretaria de meio ambiente e mineração, anunciou que pretende trabalhar com o material



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



nas escolas do município, realizando exposições a fim de sensibilizar os alunos do ensino fundamental para a conservação do meio ambiente, tendo em vista a estrutura dinâmica e objetiva do produto audiovisual. Além disso, está sendo articulada a realização de um evento para a exibição pública do documentário na cidade, com vistas a divulgar o trabalho realizado pelo projeto no local onde tudo começou, a cidade de Terra Santa.

O documentário como instrumento de educação ambiental

Nosso objetivo, desde o início, era desenvolver um documentário que pudesse servir como material de apoio didático-pedagógico para o Pé-de-pincha. Após analisar as produções audiovisuais feitas ao longo de duas décadas de atuação do projeto, identificamos a ausência de documentários que ressaltassem as vozes dos personagens, de forma reflexiva. As produções institucionais, geralmente, eram narradas por *voz over* e as etapas de manejo eram explanadas de forma “distante”, sem estabelecer relação próxima com o espectador.

Analisando esse contexto, decidimos pautar em um documentário a história de personagens do projeto Pé-de-pincha em Terra Santa, pois segundo Nichols (2005) a voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Assim, o filme *Pegadas de Vida na Amazônia* apresenta o projeto Pé-de-pincha e sua luta através do relato comovente de seus fundadores e participantes voluntários.

Nas entrevistas do filme, tomamos o cuidado para que o diálogo fluísse naturalmente, e para isso utilizamos a técnica da entrevista diálogo indicada por Medina (2008) na obra “Entrevista, o diálogo possível”. Dessa forma, foi possível estabelecer uma relação pessoal, fazendo com que as fontes não se sentissem “robotizadas” apenas respondendo a perguntas pré-determinadas.

Por se tratar de uma produção acadêmica, tínhamos a preocupação de fazer com que o documentário servisse como porta-voz dos colaboradores de um projeto ambiental, ao mesmo tempo em que estimulasse a população a proteger cada vez mais as espécies ameaçadas. Acreditamos ter conseguido atingir o objetivo educativo proposto pelo documentário.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Em diálogo com espectadores, foi possível constatar efeitos de sensibilização provocados pelo teor do produto audiovisual. Frases como “eu gostaria de ajudar o projeto”, “desejo conhecer a base do manejo”, “a partir de agora vou proteger mais as espécies” são frequentemente proferidas. Compreendemos tal situação como atos de identificação dos espectadores com as histórias apresentadas no documentário e com a localidade ali exposta. O que vai às linhas de Oliveira (2005, p. 29) quando discorre sobre a criação de geografias oriundas do encontro entre as experiências vividas por nós e as imagens e os sons de um filme:

Há nas imagens e sons fílmicos permanências históricas, culturais, arquetípicas... que não sabia o produtor delas. Ali estão como vibrações de uma “memória coletiva” dispersa em nossos corpos. Pode ser que reverberem em nós, pode ser que não... Se sim, comporão nossa geografia do filme, se não, talvez venham a compor a geografia que outro nos der a ver no filme e aí então tornar-se-ão ali existentes também pra nós (OLIVEIRA, 2005, p. 29).

Nesse sentido, ao trazer histórias reais de populares que compõem o trabalho de manejo dos quelônios, o documentário estimula reflexões acerca da depredação de quelônios, na medida em que os espectadores reconhecem no filme elementos de seu contexto sociocultural, de sua vivência e de seu espaço geográfico.

Considerações Finais

O desenvolvimento deste documentário possibilitou-nos imergir na história de um dos principais projetos de conservação ambiental da região amazônica, o projeto Pé-de-Pincha. Para além, nos permitiu conhecer as dificuldades envolvidas na realização do manejo e os resultados obtidos pelo projeto em mais de duas décadas de atuação na cidade de Terra Santa.

É importante considerar que essas informações foram reveladas pelos próprios personagens, fontes partícipes do Pé-de-Pincha. Dessa forma, nossa proposta de dar espaço às histórias de vida desses personagens, através de um documentário constituído



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



hibridamente nos modos observativo e participativo segundo Nichols (2005), possibilitou a concretização do conceito central de documentários: contar histórias.

Da mesma forma, tal método abre oportunidades para dar visibilidade e expandir a mão de obra do manejo, uma vez que a estrutura do produto audiovisual tenciona a sensibilização, fazendo com que os espectadores se identifiquem com as histórias e tenham interesse em participar do projeto. Ao mesmo tempo, o filme funciona como instrumento eficaz para auxiliar nas atividades de educação ambiental que são desenvolvidas pelo projeto nas escolas.

Dada a importância do tema, percebe-se a necessidade de produzir mais obras como esta, que evidenciem a luta de projetos pela conservação do meio ambiente e de ecossistemas que estão ameaçados pela ação humana. Assim, ao apresentar histórias de pessoas que dedicam suas vidas em prol da natureza, possibilitamos oportunidades de auxílio a causas ambientais, motivando ainda o trabalho de grupos voluntários na preservação da Amazônia.

Pegadas de Vida na Amazônia traz em sua essência a luta de povos amazônidas contra a exploração da floresta que perdura até os dias atuais, tornando-se uma ferramenta jornalística relevante por dar espaço e voz a um grupo que defende a conservação do meio ambiente. Outrossim, este documentário entra para a história dos veículos comunicacionais que reforçam a necessidade de colocar em pauta a conservação da biodiversidade amazônica, brasileira e mundial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Cesar Machado *et al.* **Sistematização dos métodos utilizados pelo projeto Pé-de-pincha para conservação comunitária de quelônios:** Transferência de ninhos e berçários. In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha. Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

ANDRADE, Paulo Cesar Machado. **Assim nasceu o projeto Pé-de-pincha!**. In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha. Manaus: Gráfica Moderna, 2012.



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



LIMA, Aldeniza Cardoso de *et al.* **Educação Ambiental no contexto do projeto Pé-de-pincha: Percurso Metodológico.** In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha. Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

MELDAU, Débora Carvalho. **Pirarucu.** Info Escola. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/peixes/pirarucu/>. Acesso em: 12 dez. 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>. Acesso em: 12 dez. 2020.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **O que seriam as geografias de cinema?** Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 27-33, dez. 2005. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/8276>>. Acesso em: 15 nov. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.1.2.27-33>.

PEREIRA, Ronaldo Gama. **Educação ambiental e o desenvolvimento sustentável: análise da influência do projeto “Pé-de-pincha” nas comunidades do município de Barreirinha.** In: ANDRADE, Paulo Cesar Machado. Manejo Comunitário de Quelônios: Projeto Pé-de-Pincha. Manaus: Gráfica Moderna, 2012.

Projeto Pé-de-pincha ganha documentário próprio. UFAM, 2021. Disponível em: <<https://www.ufam.edu.br/ultimas-noticias/3035-projeto-pe-de-pincha-ganha-documentario-proprio.html>>. Acesso em: 15 nov. 2021.